

## GEOHISTÓRIA NA CONCEPÇÃO DE VICENS VIVES

ARLENE M. MAYKOT PRATES\*

Jaime Vicens Vives, historiador e geopolítico viveu na Espanha no período "Franquista". Em 1943, iniciou em Baeza, cidade andaluza, o esboço de um tratado de Geografia Política Geral, que vem servir de base ao "Tratado General de Geopolítica, publicado em 1950.

Nesta obra Vicens Vives propôs o uso do termo geohistória em substituição ao de Geopolítica, para demonstrar o propósito científico e neutro de seus estudos. Para este autor, "Geohistória é a ciência das sociedades históricas organizadas sobre o espaço natural". Ao expor sua teoria, apoia-se em Toynbee, afirmando que, na adaptação da sociedade ao meio físico e ao contato com outros grupos humanos, ocorre um desafio que pode ser avaliado pela seguinte fórmula: "a maior dureza do estímulo adverso corresponde maior reação cultural"<sup>1</sup>.

A análise de numerosas situações históricas levaram Toynbee a formular sua lei de ouro, que também servirá de embasamento aos estudos de Vicens Vives. De acordo com esta lei, "o estímulo mais efetivo é aquele que se situa entre a carência e o excesso de adversidade"<sup>2</sup>. Segundo Vives, é nesta lei que se deve apoiar qualquer método geohistórico, e, partindo deste pressuposto, enumera cinco tipos de estímulos que levariam ao cres-

\*Professora do Departamento de Geociências da UFSC.

GEOSUL - Nº 2 - 2ª sem. 1986.

cimento uma sociedade: estímulo das comarcas mais duras, estímulo das novas pátrias, estímulo dos choques, das punições e das pressões. A partir de então, inicia um trabalho de análise da influência ou do estímulo provocado pelo ambiente físico sobre o desenvolvimento das sociedades organizadas em estados. Dentro deste ponto de vista, analisa sucessivamente a influência do clima, relevo, da maritimidade ou continentalidade, de passos e rotas comerciais etc. sobre o desenvolvimento ou forma dos estados. Porém, nesta análise, Vives dá grande importância aos recursos e configurações internas de um Estado ou região, como se fossem órgãos isolados de influências externas, isto é, observa o local sem relacioná-lo a um contexto mais amplo. Por outro lado, os fatores são sempre vistos isoladamente, como se fossem os únicos responsáveis pela situação real em que se encontra a região. Sabemos, no entanto, que na formação de um Estado ou na ocupação da terra pelo homem, interagem vários fatores tanto de ordem natural ou física como de ordem humana e econômica, pois a utilização do espaço pelo homem é determinada por um jogo de forças tanto naturais como culturais.

Analisemos, porém, mais detidamente a obra de Vives.

Ao focalizar a influência dos climas sobre o desenvolvimento das sociedades humanas, o geopolítico espanhol baseia-se em Huntington, geógrafo da escola americana, herdeiro direto das idéias deterministas de Ratzel.

Huntington, após estudar inúmeras variáveis, tais como, índice de analfabetismo, alimentação, profissões liberais, rendimento industrial etc., e correlacioná-las com as diferentes áreas climáticas do globo terrestre, construiu o climatógrafo ótimo, para a atividade humana. Com base neste gráfico, Vives conclui que: "No estado atual da cultura a supremacia política, técnica e espiritual corresponde aos povos situados em áreas de grandes contrastes climatológicos"<sup>3</sup>.

Estes contrastes seriam encontrados nas regiões temperadas ciclônicas, onde as temperaturas médias mensais devem oscilar entre 4°C a 7°C no inverno e 15°C a 20°C no verão; enquanto que a pluviosidade anual deve situar-se entre os 400 mm e 1.200 mm.

Extrapolando os estudos de Huntington, Vives traça a rota

teórica das civilizações, segundo a qual a hegemonia das civilizações e dos grandes impérios teria migrado das regiões subtropicais na antiguidade, com Egito e Mesopotâmia, para as regiões temperadas na atualidade, com Inglaterra e Estados Unidos<sup>4</sup>. Vai além, ao afirmar que sempre "todos os núcleos de civilização e todos os grandes impérios estiveram localizados entre o trópico de Câncer e o paralelo de 60° de latitude Norte<sup>5</sup>.

É bem verdade que, através de uma análise superficial, numerosos são os exemplos em favor da hipótese climática de Huntington. Muitas regiões da superfície terrestre com climas demasiado rudes, aridez excessiva ou temperaturas extremamente baixas, não poderiam, no passado, ter sido berço de civilizações evoluídas.

Se nos detivermos, porém em análise mais acurada, encontraremos certamente numerosos exemplos que nos levam a refutar as idéias de Huntington e conseqüentemente de Vicens Vives.

Entre os mais notórios exemplos, Burns cita a civilização Maia, que floresceu na Guatemala, Honduras e Península do Yucatan, em plena região tropical da América Central<sup>6</sup>.

Segundo o mesmo autor, os Maias incluíam em sua cultura a fabricação do papel, o uso de calendário solar, conhecimentos consideráveis de astronomia e arquitetura, assim como um sistema de escrita parcialmente fonética<sup>7</sup>.

Braudel, ao analisar a influência de ambientes ostis e o desenvolvimento das civilizações, fornece-nos outra concepção. O historiador francês, ao focalizar o problema da malária nas planícies inundáveis do Mediterrâneo, observa que as planícies somente se tornam produtivas quando foram ocupadas adequadamente pelo homem. Quando, através de beneficiamento, tais como drenagem, irrigação, desenvolvimento da agricultura etc., a região se torna produtiva e próspera. Dentro desse contexto, as doenças diminuem e a região se apresenta com aspectos salutar. Por isso, ao focalizar o problema da malária que agrassava naquela região, cita o provérbio toscano segundo o qual "o principal remédio contra a malária é acaçarola bem cheia". Desse modo, coloca o homem como fator ativo da história, afastando toda e qualquer hipótese que relacione o impaludismo ao meio geo-

gráfico<sup>8</sup>.

Por outro lado, nem todos os povos situados dentro da região temperada norte (compreendida entre o trópico de Câncer e paralelo de 60°) conservam atualmente posição de liderança internacional. Sabemos que os povos da região mediterrânea (Portugal, Espanha etc.) que outrora gozavam de intenso prestígio econômico graças aos grandes domínios coloniais que os sustentavam, permanecem atualmente em situação periférica, dentro do contexto econômico mundial, evidenciando que outros fatores além do climático contribuíram para o declínio destes povos.

Vives estuda a influência do clima sobre um determinado espaço geográfico isoladamente, como se este espaço não fosse o resultado de um processo onde homem, produção e tempo exerceram papel essencial. Dentro de uma visão totalmente determinista ignora por inteiro o interrelacionamento de fatores físicos, históricos, econômicos e sociais que de fato irão explicar a situação de desenvolvimento de um Estado ou de uma região. Pois o espaço, como afirma P. George, é ao mesmo tempo criação humana e dado natural que se vai liberando do natural à medida em que as técnicas de domesticação desse espaço irão se tornando mais refinadas<sup>9</sup>.

Neste mesmo sentido, Broek afirma que a ocupação da terra pelo homem raramente é o resultado de qualquer fator físico isolado, mas, antes de tudo, um jogo de fenômenos físicos e culturais<sup>10</sup>.

Assim, um dos principais problemas da Geohistória preconizada por Vicens Vives está relacionado com a análise dos estímulos provocados pelos diferentes fatores naturais tratados isoladamente, como se cada um deles fosse um compartimento estanque a influir independentemente. Passa a estudar sucessivamente os estímulos provocados pelos diferentes fatores naturais, — relevo, litoral, vales etc. para, contraditoriamente afirmar que são as sociedades humanas, e não os acidentes morfológicos, que criam as possibilidades geohistóricas<sup>11</sup>.

Vejamos o que Vives coloca em relação a influência do relevo sobre a constituição dos Estados e a evolução cultural e

política dos povos. Segundo suas palavras, "as cordilheiras e os países montanhosos não determinam em absoluto o caráter conservador e independente de suas populações, senão através do afastamento das vias de comunicação — comerciais e intelectuais, e das facilidades de defesa".

Sabemos, no entanto, que esse afastamento das vias de comunicação e as facilidades de defesa de uma região montanhosa são problemas relativos que variam com o tempo e com a tecnologia, não podendo ser tratados tão superficialmente. O problema é, portanto bem mais amplo exigindo análise mais acurada.

O espaço geográfico é formado por vários elementos que interagem e qualquer investigação para estudar a influência de um determinado fato sobre os demais, não pode ser efetuada isoladamente e sim através da síntese das relações entre os elementos do todo em um determinado momento. Analisam-se as partes para depois integrá-las ao todo. Desse modo, se em um determinado momento a montanha levou a construção de pequenos Estados, isolados que raramente sofreram influências de povos vizinhos, em outro dado momento isto pode não ter acontecido, pois o jogo de influências externas pode ter sido outro.

Um aspecto porém, deve ficar bem claro. Não queremos afirmar que o relevo, ou o clima em determinadas circunstâncias não tenham influenciado o desenvolvimento de certas regiões. O que desejamos frisar é que as circunstâncias não se repetem integralmente, por isso as influências do meio natural como estímulo para o desenvolvimento de determinada região nunca devem ser analisadas isoladamente.

Se em uma certa época, o relevo acidentado da montanha pode provocar parcelamento do território com formação de micro estados e cantonalismo, este fato não deve obrigatoriamente ser transformado em lei, pois muitos casos há em que a despeito do relevo acidentado, isto não ocorre. Senão vejamos, enquanto os Andes contribuíram para o parcelamento dos territórios do oeste da América do Sul, dando origem a estados de médio porte, o mesmo não ocorreu com as Rochosas na América do Norte, onde os Estados Unidos e Canadá se estendem da costa leste à oeste. Naturalmente, fatores diversos, além do relevo, contribuíram para este fato.

Analisando mais detidamente o processo de ocupação, colonização, formação e cristalização dos Estados, nas citadas regiões, percebemos situações significativamente distintas.

Em uma proposta geo-histórica, que pretende aliar o estudo do tempo ao espaço, o primeiro jamais pode ser posto de lado, como se o relevo agisse estaticamente, em situações extra temporais. A influência deste fator sobre a colonização do continente americano nos séculos XVI e XIX apresenta aspectos nitidamente diferentes. Não pode ser ignorada, no estudo do problema, a evolução tecnológica, econômica e política pela qual passou a humanidade. Senão vejamos, a expansão espanhola na América Central e do Sul, foi mais acelerada que a anglosaxônica na América do Norte, eis que aquela alcançou pleno êxito já no século XVI. No entanto, os colonizadores foram numericamente insuficientes em relação ao espaço ocupado<sup>12</sup>.

Conseqüentemente, formou-se uma malha bastante rala de núcleos populacionais isoladas, por vezes, pelo relevo acidentado. Nestes núcleos predominava o sistema administrativo confiado a sacerdotes e militares cuja finalidade era manter os principais pontos estratégicos e as fontes produtoras de metais preciosos. Deve-se lembrar que na época, dominava a política mercantilista que necessitava de grande quantidade de metais para serem transformados em dinheiro.

O transporte terrestre, na época, não fora atingido pela revolução industrial, permanecendo bastante precário. O maior volume das mercadorias era transportado principalmente através de cursos fluviais e mares.

Na América Anglosaxônica a situação foi diversa. Incapazes de descobrir tesouros minerais no início da ocupação, os colonizadores levaram avante, mais lentamente, o processo de ocupação, através de frentes contínuas de povoamento, onde o homem se apegou à terra com raízes mais firmes. As populações indígenas foram varridas e a ocupação ocorreu com lenta, mas ininterrupta continuidade<sup>13</sup>.

Por ocasião da independência das colônias espanholas da América, o Império Colonial Espanhol ocupa área muito mais extensa que aquela que compreendia as colônias inglesas na Améri-

cá do Norte.

Envolvida com as Guerras Napoleônicas, a Espanha — que não soubera organizar o espaço de suas colônias através de uma rede de comunicações eficientes — viu seu império se desfazer em vários compartimentos.

Na América do Norte, quando a linha de colonização atingiu a região de relevo acidentado do oeste e o problema das comunicações se apresentou com mais intensidade, a estrada de ferro foi o instrumento utilizado para dominar e integrar o território dos Estados Unidos, de leste a oeste.

Vê-se, portanto, que o tempo e a tecnologia acabam por fornecer ao homem novas e contínuas possibilidades proporcionando-lhe condições de vencer cada vez mais os obstáculos da natureza. O que parecia constituir obstáculo a unificação no século XVI, como o relevo no caso em estudo, deixou de ter importância vital três séculos mais tarde.

No Canadá, o fenômeno foi semelhante, e as vias de comunicação também desempenharam um papel significativo.

Foram aqui abordados, apenas alguns dos fatores, que contribuíram para demonstrar que a evolução política e administrativa dos Estados, longe está de se subordinar apenas a um ou dois fatores físicos. Estes influenciam, de acordo com a época, em interação com fatores políticos, sociais e econômicos formando um sistema coerente. Deste modo, não podemos responsabilizar apenas o relevo acidentado de uma região como fator responsável pela sua compartimentalização política, embora, em determinadas regiões e em certas épocas, ele fosse fator importante.

Milton Santos, em sua obra "Por Uma Geografia Nova", esclarece "Tudo o que existe articula o presente e o passado, pelo fato de sua própria existência. Por essa mesma razão, articula igualmente o presente e o futuro. Desse modo, um enfoque espacial isolado ou um enfoque temporal isolado são ambos insuficientes. Para compreender uma qualquer situação necessitamos de um enfoque espaço-temporal"<sup>14</sup>.

Aplicando este princípio à Geohistória percebemos porque as

teorias lançadas por Vicens Vives não conseguem oferecer uma explicação convincente a respeito da evolução dos Estados. Os fatores são analisados estaticamente, como se cada um deles isoladamente agisse sem fazer parte de um sistema onde as variáveis interagem para explicar o todo.

Em cada período histórico o valor de cada fator geográfico só adquire expressão real quando analisado dentro do sistema espaço-temporal do qual faz parte.

Por isso, "O que é indiscutivelmente verdadeiro para uma época ou uma civilização é diferente do que é indiscutivelmente verdadeiro para uma outra época ou outra civilização"<sup>15</sup>.

Assim, fica comprometido o capítulo da obra de Vives, relacionado com os Estímulos dos fatores Naturais, onde o autor analisa sucessivamente as influências do clima, relevo, litoral e ilhas, rios e vales sobre o desenvolvimento dos Estados e civilizações em geral.

#### NOTAS

<sup>1</sup>Vives, V. Tratado General de Geopolítica. Barcelona, Ed. Teide, 1956, 240p.

<sup>2</sup>Idem, op. cit., p.75.

<sup>3</sup>Idem, op. cit., p.102.

<sup>4</sup>Idem, op. cit., p.102.

<sup>5</sup>Idem, op. cit., p.96.

<sup>6</sup>Burns, E. História da Civilização Ocidental. Ed. Globo, Porto Alegre, 1978. p.29.

<sup>7</sup>Idem, op. cit., p.29.

<sup>8</sup>Braudel, F. La Méditerranée e le Monde Méditerranéen à l'époque de Philippe II. Paris, Armand Collin, 1949.

<sup>9</sup>George, P. Sociologia e Geografia. Ed. Forense, Rio de Janeiro, 1969. p.31-2.

<sup>10</sup>Broek, J.O.M. Iniciação ao Estudo da Geografia. p.112.

<sup>11</sup>Vives, V. Tratado General de Geopolítica. Barcelona, Ed. Teide, 1956. p.117.

<sup>12</sup>Gottmann, J. América, Labor ed., p.40-67.

<sup>13</sup>Gottmann, J. América. Labor ed., p.40-67.

<sup>14</sup>Santos, M. Por Uma Geografia Nova. Ed. Hucitec, São Paulo, 1980. p.205.

<sup>15</sup>Fackenheim, E. Metafísica e Historicidade, citado por Santos, M. em Por Uma Geografia Nova. p.208.